

Entrevista

Miguel Sanches Neto: o Escritor, o Professor e o Crítico Literário

Entrevista concedida a Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha e Rauer Ribeiro Rodrigues



Miguel Sanches Neto, em seu escritório

Esta entrevista foi concedida por e-mail, em abril e maio de 2015; tanto de nossa parte, como entrevistadores, quanto da parte do entrevistado, mantivemos um tom de bate-papo no qual a informalidade não abriu mão do rigor e da busca de acréscimos de valor no debate contemporâneo sobre os papéis do escritor, da literatura, do ensino de literatura e da crítica literária.

Miguel Sanches Neto é formado em Letras, mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina e doutor em Letras pela Unicamp (1994-1998). Professor-associado de Literatura Brasileira na Universidade Estadual de Ponta Grossa, foi Diretor-Presidente da Imprensa Oficial do Estado do Paraná (1999-2002), Pró-Reitor de

Pesquisa e Pós-graduação (2002-2003) e Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Culturais da UEPG (2006-2010).

Estreou com *Inscrições a giz* (1991), vencedor do Prêmio Nacional Luís Delfino de Poesia de 1989. Colunista da *Gazeta do Povo* de 1994 a 2012, tem artigos publicados na *Carta Capital* (SP), *Veja* (SP), *Bravo!* (SP), *Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *Valor Econômico*, *O Globo*, *Jornal do Brasil* e inúmeros outros jornais e revistas. Recebeu, entre outros, os prêmios Cruz e Sousa (2002) e Binacional das Artes e da Cultura Brasil-Argentina (2005). É autor de mais de 800 artigos de crítica literária, publicados em jornais e revistas brasileiras.

Informações biográficas e bibliográficas abrangentes sobre o escritor estão disponíveis em < <http://www.miguelsanches.com.br/> >.

Após a entrevista trazemos um texto inédito de Miguel Sanches Neto, “Seis teses sobre os valores da literatura”, e a resenha “A contrapelo da ordem unida”, na qual Rauer Ribeiro Rodrigues trata de *A segunda pátria*, o mais recente romance de Sanches Neto.

* * *

Betina Cunha – Bom dia, Miguel.

Rauer Ribeiro Rodrigues – Bom dia, Miguel. Agradecemos sua disponibilidade para essa entrevista.

Miguel Sanches Neto – Bom dia, eis-me aqui em um dos grandes papéis do escritor na sociedade contemporânea: o de falador, comentarista de variedades.

Rauer – Podemos começar?

Miguel – Já começamos.

Betina – Vamos, então, à primeira pergunta. Considerando mais proximamente a Literatura e suas manifestações, suas impressões sobre a correspondência das artes e linguagens artísticas lhe permitem antever um futuro para a experiência poética em verso?

Miguel – O romance se tornou, na contemporaneidade, uma espécie de gênero sem fronteiras. Tratando dele, o poeta inglês Alfred Alvarez o definiu como um monstro flácido. Entendo esta definição como positiva. Ele é um gênero sem contornos nítidos, que cresce para todos os lados. Assim, ao invés de combater o romance, tal como faz o crítico italiano Alfonso Berardinelli, é possível apostar que esta forma literária será a grande responsável pela sobrevivência da poesia, pois através de narradores e personagens dos romances é que se forma hoje uma sensibilidade

poética. O romance, gênero decodificável pelo leitor comum, pode ser uma experiência de crítica, um espaço de formação de gosto literário. Peguemos os romances de Enrique Vila-Matas; neles, o narrativo convive com o ensaístico. Com isso, o autor está criando audiências requintadas. O que estou tentando dizer é que não podemos colocar em termos de oposição, tal como faz Berardinelli, a experiência poética em verso e a em prosa, como se uma fosse mais literária, porque menos contaminada pelo mercado, do que a outra. No meu caso, escrevo e publico contos, crônicas, diários, poemas, aforismos e romance, mas tento escrever relatos que funcionem, mesmo que marginalmente, como uma educação poética, principalmente na busca de um cuidado de linguagem próprio da poesia.

Rauer – Ao e-mail com o convite a você para esta entrevista, você respondeu “*Que venga el toro*”. A mesma expressão foi utilizada por Luiz Vilela em uma longa entrevista que com ele fizemos em 2009 e que sairá em livro a ser publicado em breve pela EDUFU. É a coincidência do cânone em andamento? Como vê a questão do cânone, hoje, na teoria literária, nos estudos literários e na leitura literária?

Miguel – Por uma dessas contradições inerentes ao contemporâneo, não temos mais um cânone, mas vários. Uma biblioteca fundamental é impensável hoje, quando se descortinam para o leitor tradições até então desconhecidas, como a coreana, as africanas etc. Houve uma explosão desta biblioteca, o que leva cada leitor a constituir uma estante pessoal, a sua versão provisória do cânone. Como escritor, e para ficar dentro da literatura brasileira, eu pertencço a uma estante em que figuram autores como Lima Barreto, José Lins do Rego, Manuel Bandeira, Graciliano Ramos, Mario Quintana, Rubem Fonseca, Dalton Trevisan e Luiz Vilela, entre outros. Uma linhagem de escritores que valorizaram aquilo que Roland Barthes chama, em *O grau zero da escritura*, de estilo da oralidade, e que eu prefiro pensar como naturalização da linguagem literária. Fazer grande literatura com uma língua falada.

Rauer – No pequeno texto que precede seus estudos do livro *O lugar da literatura: ensaios sobre inclusão literária*, você afirma que quer “provocar o debate sobre as pessoas reais que estão por trás da escrita, tanto na hora de ler quanto na hora de escrever”, concluindo: “Como toda linguagem é sempre alguém, posso dizer que sou estes textos”. No âmbito da literatura de nossos dias, com suas tensões e impasses críticos e estéticos, discorra, por favor, sobre o significado do autor concreto se presentificar no enunciado ficcional e no discurso teórico.

Miguel – Uma autonomização da linguagem criou a falsa ideia de que a literatura é uma máquina de palavras. Ela só é máquina na medida em que um ser humano a opera. E se ela

precisa destas coisas antiquadas chamadas pessoas para funcionar, ela não tem um valor em si. Só existe quando encarnada. Assim, toda linguagem é uma pessoa, um grupo de pessoas. A linguagem se confunde com quem a usa. Ao escrever um romance, não estou organizando um dicionário, estou apresentando personagens que se vestiram de palavras. A biografia de cada personagem está na linguagem que ele usa. A biografia de um escritor está na voz subjacente em seus livros. Não é um conjunto de recursos estilísticos que definem a particularidade de um autor, mas o timbre humano que imprime ao seu universo ficcional ou poético.

Betina – Na qualidade de uma pessoa que ocupou diferentes e importantes cargos administrativos dentro da esfera pública e institucional — mas que, felizmente!, permanece um humanista — como você verifica esse momento da Educação Brasileira em que vemos, de um modo geral, superficial padronização dos comportamentos reflexivos e críticos?

Miguel – O maior mal da educação, não apenas a brasileira, é que ela está sempre a reboque de modismos. No momento, há uma valorização excessiva do audiovisual no ensino de literatura. Formar o humano é permitir uma educação que leve o indivíduo à auto-escuta, e nada ajuda melhor a escutar quem somos do que a arte solitária da palavra. País de não-leitores, tanto entre os alunos quanto entre os mestres, a eficácia humana da formação no Brasil tende a ser pequena. Prevalece um ensino de coisas sobre e não um mergulho na nossa condição.

Rauer – Também do âmbito da Educação, trago duas questões propostas por uma colega, a professora de Literatura do Câmpus do Pantanal da UFMS Alcione Maria dos Santos: 1. Qual a papel da universidade, em especial dos cursos de Letras, no que diz respeito à forma periférica e assistemática com que o ensino da literatura tem sido conduzido nas escolas? 2. Como conduzir a prática, tanto na universidade quanto na escola, de modo a favorecer um letramento literário efetivo?

Miguel – Nem na grade curricular dos cursos de Letras a literatura tem importância, então como os alunos formados neste estado lamentável de descrença no literário podem ser formadores de leitores literários? Faltam disciplinas de leituras literárias nos cursos de Letras, aos quais chegam principalmente não-leitores. A universidade tem que se fazer antes uma instância de invenção do leitor literário, e isso só ocorrerá com aulas, nos primeiros anos, voltadas exclusivamente para a leitura mais livre, de caráter identitária, e projetos de extensão que tirem esta atividade da condição de serviço obrigatório. Se os cursos de Letras estão entre os responsáveis pela crise de leitura do país, os principais culpados talvez sejam os próprios escritores, que escrevem com a intenção nítida de excluir o leitor comum.

Betina – Em relação ao curso de Letras, sua perspectiva de fortalecimento dos objetivos maiores deste curso, são favoráveis? As licenciaturas, de uma maneira global, estão em “desuso” ou engolidas pela pseudo facilidade da Educação a Distância?

Miguel – A massificação da superficialidade da Educação a Distância apenas chama a atenção para a falência dos cursos de licenciatura tradicionais, que podem ser assim substituídos sem maiores problemas. A diferença entre eles está apenas no grau desta superficialidade.

Rauer – Sua produção literária, Miguel, é ampla, contínua, abrangendo — entre outras — funções de editor, de autor e de organizador. Além disso, como autor, você enfrenta diversos gêneros: aforismos, cartas, contos, crônicas, diários, ensaios, infanto-juvenil, poesia e romance, além de prolífica atividade em redes sociais. No âmbito do romance, há romances policiais, históricos, de metaficção historiográfica, etc. Por favor, nos explique como convivem essas várias facetas, como elas se organizam, de que modo elas implicam no seu dia-a-dia como escritor e como estudioso da literatura.

Miguel – Os meus interesses são variados porque não estou satisfeito nunca com o que sou. O ficcionista é uma pessoa que se coloca no lugar do outro. E eu faço isso não apenas no interior de uma narrativa, mas na minha própria biografia. O poeta em mim não se conforma em ser apenas poeta. E a mesma coisa acontece com todas as outras identidades de produtor literário. O contista. O cronista. O crítico. Etc.

Betina – Nesse caminho de uma escrita que se encontra e, muitas vezes, derrama sua sensibilidade e concretização na escritura de um frio computador, como se reconhece, para você — um literato ímpar, um leitor e crítico sagaz, de refinada sensibilidade — o lugar e a supremacia da literatura?

Miguel – O lugar da literatura é onde uma pessoa sofrendo qualquer tipo de precarização (social, econômica, psicológica) tem a necessidade profunda da posse da palavra em estado de arte para sobreviver. Se não compreendermos esta centralidade existencial do texto literário, sua função salvífica, a literatura vira apenas um conteúdo frio, morto, um problema a ser resolvido.

Rauer – Fale-nos um pouco, por favor, das suas atividades como editor, como organizador de livros e da sua recente incursão criando uma editora.

Miguel – Editar livros é para mim quase uma extensão de escrevê-los. Sempre me dediquei à organização de livros de outros autores, nutrindo a vontade de publicar títulos para pequenos públicos, para nichos muito específicos, que é um campo que a internet permite ocupar. Mas

nada tem a ver com o negócio do livro, é quase um hobby, como o bebedor que gosta de fazer cerveja artesanal.

Rauer – Em uma resenha sobre um livro do poeta Lêdo Ivo, e fazer resenhas literárias foi uma atividade à qual você se dedicou semanalmente durante quase vinte anos, há uma afirmação de que o autor se mostra “Irritado com ‘os monstros gerados pela Teoria Literária’”. Você parece ver também tais monstros. Fale-nos um pouco, por favor, da sua visão da Teoria Literária nessa peculiar confluência entre criador, pesquisador, estudioso e professor.

Miguel – Para mim esta entronização da teoria literária como uma espécie de grande Deus, acima do literário, é uma falácia. Um poema é uma percepção teórica do mundo, que exige que cada leitor construa um aparato de leitura. Ou seja, ao ler um grande texto literário, estamos todos experimentando, na prática, e não como rótulo, uma radicalização teórica. Nesta perspectiva, terá tanto maior domínio das virtualidades da teoria quem conseguir criar relações entre textos literários. E para estabelecer estas relações é preciso ler os textos literários – as teorias literárias são apenas exemplos de possíveis construções e não verdades nem chaves de entrada para o literário. Muitas vezes são, isso sim, portas de saída.

Betina – Sabemos que conduz atualmente um projeto que trata das produções e acervos autobiográficos, que tanto fazem a nossa curiosidade e entendimento da palavra literária. Gostaria de compreender mais profundamente esses objetivos, metodologias e sugestão de aproveitamento no âmbito da pesquisa e reflexão literárias.

Miguel – O projeto tenta criar o Arquivo do Escritor Paranaense. Começamos com o escritório de Wilson Martins, o que tenho chamado de sua biblioteca afetiva, pois só guardava os livros dos autores de quem ele era amigo. A ideia básica é que um arquivo equivale a uma biografia material de quem colecionou aqueles livros e objetos. O arquivo como autorretrato.

Betina – Ainda pensando na solidez e consistência desses arquivos, eu lhe perguntaria, em contrapartida, como vc. vê o futuro da crítica genética, agora que nos perdemos e nos achamos entre os “Ctrl C” e “Ctrl V”, os “Del”, “Backspace” e congêneres?

Miguel – Acho que vai tomar outros caminhos. Por exemplo, as várias versões entre um texto que saiu na internet e depois foi para o livro. As postagens na internet são os manuscritos contemporâneos. Identificar trechos de autores copiados da internet, tal como está se tornando comum, a partir dos estudos dos blogs, das postagens no Facebook. Ou analisar a constituição de sua biblioteca, tanto a física como a virtual. Por exemplo: acessar os arquivos de computadores com atualizações. Enfim, surgem novas formas de confrontar versões. Por outro

lado, muitos escritores voltaram a manter diários, a escrever a primeira versão de seus livros em cadernos, o que pode indicar que a crítica genética continuará tendo espaço. Meu romance em andamento foi todo manuscrito antes. E mantenho um diário íntimo há quase 10 anos.

Rauer – Você já se viu envolvido em muitas polêmicas, acadêmicas e literárias. Conte-nos um pouco dos bastidores dessas polêmicas.

Miguel – Como você mesmo diz, são muitas. Teria que escrever um livro só sobre elas. A que já virou livro foi a polêmica com Dalton Trevisan, origem do romance *Chá das cinco com o vampiro*. O polemista é um camaleão errado, está sempre destoando do ambiente.

Rauer – Você acha que vivemos, na literatura, em um período alexandrinista (nos termos definidos na ementa deste número da *Letras & Letras*)? Por quê? Como classificaria o período em que vivemos? Você se consideraria um autor alexandrinista? Como você se classificaria? Por favor, explique em miúdos...

Miguel – Philip Roth tem afirmado que vivemos o fim da Era da Literatura, que está sendo vencida pela era do entretenimento. Ou seja, o mercado tomou conta de tudo. Muitos escritores e críticos repetem isso aos quatro ventos. Acredito que este é um falso problema. A literatura pertence ao humano, é algo inerente a ele, e sempre existiu, pelo menos desde que o homem dominou a linguagem não para pedir comida mas para poder falar de seus sentimentos. Arte indissociável de seu tempo, a literatura passa por transformações. O que está ocorrendo é o processo de devoração do entretenimento pela literatura. Um Rubem Fonseca, por exemplo, é um autor paradigmático para tal compreensão. Ele faz grande literatura se valendo da gramática do romance policial. Esta aproximação entre arte e entretenimento, na verdade, não é o fim da literatura, mas a sua mutação para sobreviver. A literatura de hoje só será consumida como literatura, e não como uma disciplina sobre a qual se aprendem coisas, se ela for híbrida, funcionando no terreno da arte e na frequência do entretenimento. Assim, a cultura local só conseguirá se fazer contemporânea se em conexão com as novas mídias e suas linguagens. É um processo irreversível. Ou o escritor se transforma num profeta do velho testamento ou ele aprende a operar com estes novos códigos.

Rauer - Vamos à última pergunta, Miguel. Uma nota prévia ao seu último romance, *A Segunda Pátria*, lançado neste ano, é assim finalizada: "Tudo não passa, portanto, de um pesadelo. E este é um dos papéis da literatura: fazer com que vivamos acordados os piores sonhos da humanidade." Pode nos apresentar um "Decálogo dos Papéis da Literatura"?

Miguel - A pergunta é complexa. Tenho um texto em que trato do assunto; seria o caso de publicar anexo à entrevista...

Rauer – Será ótimo publicar este texto. [“Seis teses sobre os valores da literatura”, a seguir].

Betina – Gostaria de acrescentar algo, Miguel?

Miguel – Somente uma reflexão que complementa o que falei acima. A internet permitiu que o escritor morasse no interior e pudesse viver no centro do mundo. Não há mais uma limitação geográfica para os periféricos. Podemos ser gostosamente interioranos muito cosmopolitas.

Rauer – Agradecemos sua atenção. Temos certeza que nossos leitores apreciarão, e muito, suas respostas, como nós as apreciamos, aqui, neste bate-papo.

Entrevista recebida em: 28.06.2015

Entrevista aceita em: 28/06.2015